PREFÁCIO

ENTRE PALAVRAS E DESEJOS: ENCONTROS ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE

Alex Barreiro
barreiroalex86@gmail.com

Fabiano Correa da Silva
fabianocosilva@gmail.com

A aproximação entre literatura e psicanálise acompanha a própria história do pensamento psicanalítico. Desde Sigmund Freud, a criação literária jamais ocupou apenas o lugar de objeto ao qual uma teoria previamente constituída poderia ser aplicada. Ao contrário, escritores, personagens, narrativas e imagens literárias frequentemente antecederam, interrogaram e mesmo colocaram em movimento questões que a psicanálise procuraria posteriormente formular conceitualmente. Se a literatura não necessita da psicanálise para produzir seus efeitos, a psicanálise, por sua vez, encontrou na literatura uma interlocutora para pensar aquilo que, na experiência humana, resiste às explicações definitivas, como o desejo, a falta, a fantasia, o amor, a sexualidade, a angústia, o luto, o gozo e as formas pelas quais o sujeito procura dizer, e ocultar, algo de si.

É nessa direção que Mandil (2005, p. 46), ao problematizar a ideia de uma psicanálise simplesmente "aplicada" à literatura, reconhece no texto literário a existência de um saber que não se reduz à função de ilustrar conceitos previamente estabelecidos: "Se de algum modo a Literatura, para Freud, antecipa as descobertas da investigação analítica, mesmo à revelia da intenção dos escritores, é justamente porque nela se supõe um saber...". Tal perspectiva modifica sensivelmente a posição concedida à literatura nesse encontro: ela deixa de ocupar o lugar passivo de objeto interpretado pelo saber psicanalítico para tornar-se também aquilo que interroga, desloca e, eventualmente, antecipa a própria elaboração teórica da psicanálise.

É nesse encontro que se apresenta o presente volume temático da Revista *Universitas*, da Faculdade Santa Lúcia. Os textos aqui reunidos possuem uma história singular, nasceram das leituras e discussões realizadas no grupo Literatura e Psicanálise (realizados todo último sábado de cada mês) espaço no qual obras literárias foram tomadas como disparadoras de conversas, perguntas e diferentes possibilidades de interpretação.

Em determinado momento desse percurso, lançamos aos participantes uma provocação: por que permitir que aquilo que produzíamos em nossos encontros permanecesse apenas na efemeridade da palavra falada? Por que não transformar em escrita algumas das reflexões, inquietações e questões suscitadas por nossas leituras? Dessa provocação nasceu a proposta que culmina neste volume. Escrever tornou-se, assim, uma maneira de registrar algo de um espaço que construímos coletivamente e que, justamente por ser tão prazeroso, não gostaríamos que se encerrasse ao término de cada encontro. Os participantes foram provocados a continuar.

Há, portanto, nestas páginas, algo que ultrapassa a reunião circunstancial de artigos em torno de uma temática comum. Cada texto conserva, de algum modo, marcas das conversas que o antecederam. A passagem da palavra falada à palavra escrita exigiu que impressões se transformassem em problemas, que intuições buscassem sustentação conceitual e que perguntas inicialmente compartilhadas em grupo encontrassem novas formas de elaboração. Se nossos encontros fizeram da literatura uma ocasião para falar, pensar e escutar, este volume procura fazer da escrita uma possibilidade de permanência.

Os trabalhos que compõem esta edição demonstram, ainda, a diversidade possível desse diálogo. Não há aqui a pretensão de submeter a literatura à psicanálise, como se personagens literários pudessem ser colocados no divã ou diagnosticados retrospectivamente. Literatura e psicanálise são campos distintos, com seus próprios métodos e modos de produção de saber. O que os textos reunidos demonstram é outra possibilidade, ou seja, fazer com que um campo interrogue o outro e que, nesse encontro, algo novo possa ser produzido, provocando o leitor.

Os trabalhos que compõem esta edição demonstram, ainda, a diversidade possível desse diálogo. Não há aqui a pretensão de submeter a literatura à psicanálise, como se personagens literários pudessem ser colocados no divã ou diagnosticados retrospectivamente. Literatura e psicanálise são campos distintos, com seus próprios métodos e modos de produção de saber. O que os textos reunidos demonstram é outra possibilidade, ou seja, fazer com que um campo interrogue o outro e que, nesse encontro, algo novo possa

ser produzido, provocando o leitor. É justamente nessa direção que Felman (1982, p. 8-9) propõe substituir a noção de aplicação pela de implicação na relação entre literatura e psicanálise:

> A noção de aplicação seria substituída pela noção radicalmente diferente de implicação: fazer incidir questões analíticas sobre questões literárias, envolvendo a psicanálise na cena da análise literária; o papel do intérprete seria aqui não aplicar ao texto uma ciência adquirida, um conhecimento preconcebido, mas atuar como intermediário, gerando implicações entre literatura e psicanálise – explorar, trazer à luz e articular as várias maneiras (indiretas) pelas quais os dois domínios de fato implicam um ao outro, cada um encontrando-se esclarecido, informado, mas também afetado, deslocado pelo outro (Felman, 1982, p. 8–9, tradução nossa).

Nessa perspectiva, não se trata, portanto, de conceder à psicanálise uma posição de exterioridade ou de superioridade epistemológica diante da obra literária. Trata-se, antes, de sustentar um espaço de interlocução no qual a leitura possa produzir deslocamentos em ambas as direções: a psicanálise oferecendo questões à literatura e a literatura, por sua vez, interrogando os próprios conceitos e limites do saber psicanalítico.

Abrindo esse percurso, Lucas Mangues Pacobello e José Alberto Mattos Costa, em *Bataille e Lacan lendo Obscenidades para uma dona de casa*, voltam-se ao provocativo conto de Ignácio Loyola Brandão. Os autores colocam Georges Bataille e Jacques Lacan em interlocução para pensar erotismo, transgressão, desejo e gozo. A dona de casa aparentemente submetida à ordem, à rotina e aos interditos do cotidiano encontra nas cartas eróticas uma experiência de ruptura. Mais do que constituírem o próprio erotismo, as cartas sustentam uma fantasia e organizam o desejo da protagonista de ser desejada, permitindo aos autores explorar as relações entre interdito e transgressão e entre desejo e uma satisfação que jamais se completa inteiramente.

Em seguida, Bruna Roman Salvalaio e Bruna Bianchi, no artigo *A hora perigosa: feminilidade e falso self em "Amor", de Clarice Lispector*, encontram na trajetória de Ana uma oportunidade para pensar as fissuras existentes sob a aparente estabilidade da vida cotidiana. A partir das contribuições de Jacques Lacan e Donald Winnicott, as autoras interrogam a posição ocupada pela protagonista como mulher, esposa e mãe e propõem compreender essa organização de sua existência pela chave do falso self. É justamente quando a rotina se interrompe (naquilo que Clarice denomina

a “hora perigosa”) que algo dessa construção defensiva se fragiliza. O encontro com o cego mascando chiclete desorganiza o mundo familiar de Ana e abre passagem para aquilo que sua vida cuidadosamente organizada parecia manter à distância.

O terceiro artigo, escrito pelas autoras Arla Ravagnani Carnevalle e Khadija Ferreira Paiva dirige-se a um dos grandes clássicos da literatura brasileira *O Espelho*, de Machado de Assis. O trabalho estabelece uma aproximação entre a formulação machadiana das duas almas (uma interior e outra exterior) e contribuições da psicanálise lacaniana, especialmente aquelas relacionadas ao estádio do espelho e ao lugar do Outro na constituição do sujeito. A experiência de Jacobina, cuja imagem de si parece depender do reconhecimento conferido pela condição de alferes, oferece condição fértil para interrogar identidade, imagem e alteridade. Ao mesmo tempo, o artigo situa a narrativa no contexto do Realismo e recupera aspectos filosóficos e psicológicos da escrita machadiana, ressaltando como Machado de Assis elaborou literariamente, ainda no século XIX, questões que posteriormente encontrariam outras formulações no pensamento psicológico e psicanalítico.

Em *O encantamento entre fronteiras da terceira margem: literatura, psicanálise e hermenêutica na abertura dos sentidos em João Guimarães Rosa*, encontramos uma reflexão sobre *A Terceira Margem do Rio* que assume como princípio a impossibilidade de esgotar o texto literário em uma interpretação definitiva. A terceira margem rosiana é pensada não simplesmente como lugar físico ou categoria psicológica, mas como espaço simbólico no qual presença e ausência, desejo e recusa, luto e melancolia, identidade e alteridade permanecem em tensão. Freud e Lacan comparecem em uma interlocução que procura preservar a autonomia estética da obra, fazendo do “encantamento” uma chave para compreender a abertura permanente de sentidos produzida pela linguagem de Guimarães Rosa. A terceira margem torna-se, desse modo, também metáfora da incompletude e do próprio processo de constituição subjetiva.

Encerrando o volume temático, Luís Antônio Ravagnani Carnevalle, Laira Thais Carvalho Lemes e Eliana Tanabe de Oliveira, em *Entre o olhar e a mordida: desejo e vampirismo em “O Vampiro de Curitiba”, de Dalton Trevisan*, acompanham Nelsinho e seu movimento incessante de olhar, fantasiar e desejar. Mobilizando formulações freudianas acerca da pulsão e da variabilidade de seu objeto e contribuições lacanianas sobre falta, desejo, metonímia e pulsão escópica, os autores demonstram como o corpo feminino aparece reiteradamente fragmentado pelo olhar do protagonista.

Pernas, joelhos, braços, cabelos e outros fragmentos tornam-se suportes momentâneos da fantasia, sem jamais oferecer uma satisfação definitiva. O vampiro anunciado por Trevisan pode ser lido como metáfora de uma fome estruturalmente insaciável. É justamente porque nenhum objeto consegue encerrar o circuito do desejo que o personagem Nelsinho precisa continuar olhando, fantasiando e desejando.

Percorrer esses cinco trabalhos nos permite atravessar autores, épocas e estilos profundamente distintos, como o de Machado de Assis, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Ignácio Loyola Brandão e Dalton Trevisan. Significa transitar por diferentes territórios conceituais (do falso self ao estádio do espelho, do erotismo ao gozo, do luto ao desejo, da falta à pulsão escópica). Apesar dessa diversidade, o que os aproxima é a aposta de que a literatura não precisa ser decifrada pela psicanálise para adquirir sentido e de que a psicanálise não comparece diante do texto literário como proprietária de uma verdade que lhe faltaria. O encontro se torna fecundo quando uma preserva no interior da outra aquilo que permanece como pergunta.

Talvez seja essa, afinal, uma das experiências mais importantes produzidas por nosso grupo. Ler juntos não significou encontrar juntos uma resposta, mas sustentar juntos a possibilidade de perguntar. A literatura nos ofereceu personagens, cenas, palavras, silêncios e enigmas, enquanto a psicanálise nos proporcionou pensar conceitos capazes de fazê-los ressoar de outras maneiras. E, entre uma e outra, surgiram as conversas que deram origem aos textos agora apresentados.

Este volume temático constitui, nesse sentido, mais do que o registro de uma atividade acadêmica, ele é a inscrição de uma experiência compartilhada de leitura. Ao entregarmos esses textos aos leitores da *Revista Universitas*, a provocação que um dia fizemos aos participantes de nosso grupo passa agora a outros destinatários. Que estas páginas não sejam tomadas como ponto de chegada das discussões que as produziram, mas como sua continuidade. Que provoquem novas leituras, novas perguntas, novos encontros e, quem sabe, outras escritas.

REFERÊNCIAS

FELMAN, S. To open the question. ***In:*** FELMAN, S (ed.). **Literature and Psychoanalysis:** The Question of Reading: Otherwise. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1982. p. 5–10.

MANDIL, R. Literatura e psicanálise: modos de aproximação. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura,** Belo Horizonte, v. 12, p. 42–48, 2005. DOI: 10.17851/2317-2096.12.0.42-48.